

Economista não crê na modernização

Rio — O Brasil, apesar do discurso liberalizante do atual Governo, pouco evoluiu no caminho da efetiva modernização econômica e corre o risco de não sentir os reflexos concretos nesta área, nem mesmo no longo prazo. Isso porque a reversão do quadro passará pela implantação de um conjunto de medidas, que englobam desde a quebra de cartórios até a privatização de estatais, processo inviável com a composição de formas

existentes nos cenários políticos e econômico nacionais.

A avaliação é do diretor do Instituto Liberal, Arthur Chagas Diniz, após enfatizar que "O Brasil caminha para a idade da pedra lascada". Em função dos constantes retrocessos, vinculou a detonação do processo de modernização à reformulação do sistema eleitoral, de maneira a viabilizar a formação de um parlamento mais próximo do eleitor. "Hoje, o que se vê é um jogo de cena, com o qual se atende aos **lobbies**. O Brasil é uma estatal privatizada, que se preocupa não com os cidadãos, mas com grupos de interesse", acrescenta o economista.

É justamente este contexto político um dos responsáveis pe-

los baixos resultados que vêm sendo obtidos no âmbito da política de modernização e abertura econômica, sentidos em maior intensidade nas reações contrárias ao Programa Nacional de Desestatização. Neste campo, a resistência é identificada por Diniz como a defesa de interesses particulares não apenas das diferentes classes políticas, como também dos próprios empresários e trabalhadores, fruto da cultura corporativista.

No cenário político, o economista apontou dois focos de reações, no nível do Parlamento e do Executivo. No primeiro caso, o pensamento dominante é o da defesa das estatais, que representam a possibilidade de colocação de apadrinhados.